



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Hipertextualidade e Teoria Crítica Contemporânea¹

Autores: José Carlos Ribeiro e Vlândia Jamile Jucá, Faculdade de Comunicação – UFBA

Resumo: Este texto visa apontar possíveis pontos de aproximação e convergência entre a hipertextualidade eletrônica e a teoria crítica contemporânea. Para tanto, discute, de forma mais específica, as relações entre imagens, textualidade escrita e textualidade oral, interioridade e exterioridade, ficção e realidade, autor e leitor.

Palavras-chave: hipertexto, linearidade, teoria crítica contemporânea

1. O laboratório das inversões do pensamento.

Hipertexto: forma de produção textual possibilitada pelos avanços da microinformática. Teoria Crítica Contemporânea: corpo de estudos que tem a frente as pesquisas desenvolvidas nas ciências humanas e se detêm em pensar as mudanças sócio-culturais que se processam na atualidade. O que haveria em comum entre os dois termos que, à primeira vista, parecem pertencentes à realidades tão diversas: uma aos avanços técnicos, a outra, às elucubrações filosóficas? A distância não parece ser tão abismal quanto nossas mentes adaptadas a um suposto distanciamento entre atividade técnica e atividade reflexiva poderiam supor. Pelo menos, é o que defende alguns autores, dentre os quais podemos seguramente destacar George Landow, em “*Hypertext: the Convergence of Contemporary Critical Theory and Technology*” (1992).

No primeiro capítulo de seu livro, Landow desenvolve toda uma argumentação para demonstrar a aproximação entre a experiência de hipertextualidade, como proporcionada pelos avanços eletrônicos, e os estudos desenvolvidos pelas teorias que

¹ Trabalho apresentado no NP08 – Núcleo de Pesquisa Tecnologias da Informação e da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

versam acerca da contemporaneidade. O hipertexto seria um laboratório onde as hipóteses levantadas e sustentadas teoricamente poderiam ser testadas. Podemos ir um pouco mais além e considerar que a hipertextualidade não seria um mero produto da tecnologia, mas um modelo que vem pautando tanto os avanços neste campo, como nos saberes denominados “ciências humanas”. O hipertexto seria, em outros termos, um modo de conceber como o conhecimento é produzido e organizado. Uma formulação que, na atualidade, encontramos presentificada ora sob a forma de quadros teóricos, ora sob a forma de experimentos textuais possíveis de serem realizados nos computadores.

Landow (1992), dentro desta compreensão, diz que a teoria crítica contemporânea, em sua vertente crítica (a qual se preocupa em rever as posturas epistemológicas predominantes no pensamento ocidental), estaria teorizando sobre o hipertexto, enquanto o hipertexto faz seu aparecimento no mundo eletrônico como uma encarnação daquilo que se produz teoricamente. Na convergência dos dois modos de operar com a hipertextualidade, alguns aspectos se configuram como pontos de encontro com mais nitidez. Os pontos seriam: textualidade, narrativa e, as fronteiras existentes entre o leitor e o autor.

Pesquisadores como Derrida e Ted Nelson, Barthes e Andries van Dam compartilhariam assim de um mesmo espaço de onde é possível analisar a mudança de paradigmas na atualidade sob ângulos muito similares.

“Todos quatro, como muitos outros que escrevem sobre hipertextualidade e teoria literária, argumentam que nós devemos abandonar sistemas conceituais fundados nas idéias de margem, hierarquia, e linearidade e substituí-los por outros de multilinearidade, nós, links e redes. Quase todos os estudiosos desta mudança de paradigma, que marca uma revolução no pensamento humano, percebem a escrita eletrônica como uma resposta para as forças e fraquezas do livro impresso.” (Landow, 1992, p.2).



Ilustrando a convergência que tenta defender, o autor cita como exemplos algumas facetas do pensamento de Roland Barthes e Michel Foucault. Barthes teria formulado um modelo ideal de textualidade bastante próximo daquele que se pode encontrar no hipertexto eletrônico. A textualidade ideal seria composta por “...*bloco de palavras (ou imagens) ligadas eletronicamente por múltiplos caminhos, correntes e sequências numa infinitamente aberta, perpetuamente inacabada textualidade descrita pelos termos link, nó, rede, teia , caminho.*” (Landow, 1992, p.3). Barthes teria assim apresentado a textualidade ideal como uma galáxia de significantes, não uma estrutura de significados. Galáxia que não tem início determinado, composta por elementos dotados de reversibilidade, sem hierarquias e com uma abertura para produção de sentido indeterminada por se basear numa linguagem infinita. Foucault, por sua vez, teria se aproximado do modelo da hipertextualidade, ao considerar um texto em termos de redes e links. Na “Arqueologia do Saber” ele teria apontado que as fronteiras de um livro nunca estão bem delimitadas porque há sempre uma rede de referências a outros textos, outras sentenças. Um texto findaria por ser um nó dentro de uma rede infinitamente maior. Não obstante Barthes e Foucault tenham pontuado questões que para o hipertexto são cruciais: a ausência de linearidade e a abertura textual, seria com Derrida que a teoria crítica contemporânea encontraria uma maior intimidade com o hipertexto eletrônico. Com este último, o que já havia sido tangenciado por Foucault- a abertura textual - recebe uma acento ainda maior. A recorrência de Derrida a termos como ligação, teia, rede e interrelação teria sido, para Landow (1992), sintomática de sua proximidade com o modelo da hipertextualidade¹.

A hipertextualidade, com sua mobilidade e conseqüente instantaneidade, nos incita a repensar na maneira anteriormente predominante de conceber o que viria a ser uma estrutura. De princípio nos parece claro que um modelo de estrutura fixo, com os elementos colados em pontos determinados, sem direito à permuta, não parece adequado para elucidar a experiência de hipertextualidade na forma abordada. Landow (1992) trata

1 Trabalho apresentado no NP08 – Núcleo de Pesquisa Tecnologias da Informação e da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



o hipertexto como uma estrutura sem centro ou constantemente recentrada, posto que o vetor de organização discursiva pode ser constantemente deslocado, não tendo espaço pré-determinado, fixado. Por implicação lógica, num espaço infinito (como é o promovido pela abertura da hipertextualidade), o centro simultaneamente não pode ser localizado em nenhum ponto exato, mas pode, momentaneamente, ser demarcado em qualquer um dos infinitos pontos possíveis. O “axis” ou o princípio ordenador é emprestado por aquele que, não apenas lê, mas opera com o texto num dado momento.

A discussão sobre descentramento já havia sido apresentada por Derrida, como lembra Landow (1992), no texto “ *A Estrutura, o Signo e o Jogo no Discurso das Ciências Humanas*”.² Nele, Derrida aponta a importância do descentramento para reformulação do pensamento ocidental, inclusive para o surgimento do pensamento etimológico. Uma das questões que o autor levanta e que aqui pode ser particularmente elucidativa diz respeito a uma possível morte da idéia de centro. Para ele, não se trata disso, mas do estabelecimento de uma nova posição para esta idéia. Recolocar o centro, agora como função, e não como uma entidade particular, é a proposta de Derrida. O centro só passa a ser pensado como *ausência de*, posto se qualquer um dos elementos da estrutura pudesse ocupar seu lugar, ele não mais seria centro. O locus do centro é o da ausência de permuta, o da interdição para os elementos da estrutura que sem ele não poderiam ser dotados da mobilidade da qual desfrutam.

A estrutura é tomada assim como uma rede, onde cada elemento está ligado com vários outros ao mesmo tempo, de vários modos. O modelo ou o paradigma da rede é justamente apontado por Landow (1992) como uma das instâncias conceituais de aproximação dos projetistas do hipertexto e teóricos críticos da contemporaneidade. O autor pontua inicialmente quatro concepções de rede que tem pautado a atual descrição do hipertexto e os planos para o futuro. A primeira se refere ao hipertexto como um conjunto de blocos, nós ou lexias unidos por uma rede de links e trajetórias - um texto de

1 Trabalho apresentado no NP08 – Núcleo de Pesquisa Tecnologias da Informação e da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



elementos eletronicamente conectados, análogo ao texto impresso. Tem-se, como segundo modelo de rede, a idéia de um sistema composto por várias lexias colocadas juntas por um autor ou a criação de uma outra textualidade pela junção de vários autores. Um terceiro sentido seria a de um sistema eletrônico envolvendo computadores e cabos que permite a conexão de várias pessoas. O quarto sentido, e o que mais se aproxima da teoria crítica, considera a rede como uma totalidade de termos que não são acabados e que estão em relação com outros termos, caracterizando um processo contínuo de novas produções discursivas. Os jogos de linguagem, que marcam este quarto sentido da palavra “rede”, não teriam regras fixas, a única “norma” é a da permuta sempre aberta a novas possibilidades. Além disso, nenhum texto produzido poderia alcançar um sentido total, funcionando como uma suma.

Pensando na convergência da teoria crítica contemporânea e do hipertexto eletrônico, há ainda que se considerar nos efeitos de pedagógicos deste encontro. Landow (2001) acredita que o trabalho com o hipertexto eletrônico, tendo em vista suas possibilidades de funcionar como laboratório para as teorias, pode levar os alunos que estão travando seus primeiros contatos com as mesmas a uma melhor compreensão das leituras realizadas. Relatando sua experiência como professor, ele nos fala:

“Muitos de meus estudantes que participaram de minha classe de hipertexto me contaram a mesma coisa: eles acharam a teoria mais acessível do que no contexto de outras classes. A teoria e o médium estão no mesmo comprimento de onda; quer dizer, há uma real convergência, mesmo que não seja um mapeamento total de toda a teoria para toda tecnologia. Mas hipermídia certamente é muito útil na incorporação da teoria, assim como a teoria é muito útil na intelectualização e explicação do espaço” (Landow, 2001)³

O entusiasmo de Landow nos parece, entretanto, merecer alguma ponderação. A imagem do hipertexto eletrônico como laboratório da teoria crítica contemporânea nos



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

faz correr o risco de cair em uma leitura instrumentalizada de toda uma produção teórica que vem justamente indagar sobre o projeto de uma racionalidade de caráter instrumental, tenha ela pretensões críticas ou conservadoras. O perigo nos parece ser o de minimizar a potencialidade da teoria crítica contemporânea de desequilibrar a tradição filosófica ocidental, reduzindo-a aos jogos de linguagem que se pode realizar no hipertexto eletrônico. Não se pode ainda deixar de considerar que o hipertexto eletrônico possui seus limites, impostos pelos softwares que lhes fornecem as diretrizes básicas de funcionamento. Nos parece mais interessante considerar o hipertexto eletrônico como um laboratório para as teorias contemporâneas enquanto uma imagem que nos auxilia a pensar em possíveis aproximações. Imagem que, proporciona a aproximação, mas, por ser imagem, nos serve também de lembrança da distância existente entre os dois termos.

Falar da distância entre o hipertexto e a teoria crítica contemporânea, é importante lembrarmos, reflete uma preocupação em evitarmos tanto uma instrumentalização da teoria como da própria experiência da hipertextualidade. Assim, afirmando a autonomia dos dois elementos, temos uma possibilidade de análise a mais: a de perceber no que o hipertexto pode nos auxiliar a repensar algumas questões levantadas no âmbito das reflexões teóricas.

A seguir, abordaremos certas aproximações da experiência do hipertexto eletrônico e do hipertexto formulado pelas teorias contemporâneas. Indicamos que nas duas um movimento de colocar entre parênteses as formas tradicionais de organização do pensamento é realizado. Do ato de colocar entre parênteses, decorrem algumas inversões, das quais destacaremos algumas que se apresentam com uma constância significativa entre os que se detêm na tarefa de refletir sobre a hipertextualidade.

2. A experiência da hipertextualidade e suas inversões

2.1. *Imagens, textualidade escrita e textualidade oral.*



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

As novas práticas da informação, destacando aqui o hipertexto eletrônico, trazem outras possibilidades de presentificar a mensagem além daquela da transcrição fonética, consagrada na história da cultura ocidental.

Landow (1993) lembra que o hipertexto, tendo em sua prática inclusa a hipermídia, faz com que no processo comunicativo esteja presente uma porcentagem bem maior de elementos não verbais do que no texto impresso. Basta pensar, na importância que as imagens adquirem no hipertexto eletrônico. Imagens que aparecem de diversas formas, ora como ilustrações que são acrescentadas às informações da escritura alfabética do hipertexto, ora como mapas criados pelos autores de hipertextos que auxiliam os navegantes a se localizarem nos mares abertos e infinitos da informação.

O mapeamento do hipertexto surge na tela como uma imagem suscitadora de descentramento. Isto porque a configuração que se delineia é a de vários elementos interconectados de modos também os mais diversos. Na geografia destes mapas, não existe ponto de partida ou de saída determinado, há uma *rede* composta por caminhos, ou *links*, dentro da qual o navegante pode traçar seu percurso, guardando em sua mochila apenas os “*souvenirs*” que lhe interessam.

Em termos de elementos não visuais, não se pode ainda esquecer a presença do cursor na tela que tem uma função de extrema importância que é possibilitar a intrusão do leitor no texto. A presença do cursor na tela marca na realidade a presença do leitor no texto. O cursor age ainda conjuntamente, em determinados momentos e, segundo a vontade daquele que o guia, com outro elemento visual - os indicadores de *links*.

Todos estes elementos proporcionam uma comunicação que não se exaure na textualidade alfabética. A imagem sai de uma condição meramente ilustrativa para uma



outra - a daquilo que pode falar, funcionar como uma escritura autônoma. Mas, qual seria a importância deste rompimento? Landow (1992) lembra a posição de Derrida sobre este ponto: “*Derrida discute a inclusão de elementos visuais na escrita como formas de fuga dos constrangimentos da linearidade*”(p.43)⁴.

A linearidade que é colocada em xeque-mate parece ser muito bem historicizada por Derrida. Ela tem data, o aparecimento da escrita como contraponto à oralidade; tem uma história contada como o processo de sua coroação no pensamento filosófico e teológico ocidental; teve efeitos de poder nem sempre muito visíveis (basta considerar o nascimento simultâneo do Estado e da escrita) e; vive agora um momento de fragilização. A fragilização só se torna possível justamente quando a historicidade da escrita é tornada visível, uma desconstrução que pode ser melhor entendida como uma desnaturalização.

Afirmar a escrita como forma de exercer poder não significa dizer que ela seja a forma mais pura de representação. Segundo Derrida (1973): “*a época do logos, portanto, rebaixa a escritura, pensada como mediação da mediação e queda na exterioridade do sentido*”. Assim, ainda de acordo com o autor, a escrita teria sido dotada, numa sociedade logocêntrica, de um status inferior por ser tomada como uma representação de segunda ordem. Representação de uma representação primeira que é a fala propriamente dita:

“ Se Aristóteles, por exemplo, considera que ‘os sons emitidos pela voz (...) são os símbolos do estado da alma (...) e as palavras escritas os símbolos das palavras emitidas pela voz’ (...) é porque a voz produtora dos primeiros símbolos, tem com a alma uma relação de proximidade essencial e imediata. Produtora do primeiro significativo, ela é um mero significativo entre outros. Ela significa o ‘Estado de alma’ que, por sua vez, reflete ou reflexiona as coisas por semelhança natural. Entre o ser



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

e a alma, as coisas e as afecções, haveria uma relação de tradução ou de significação natural; entre a alma e o logos, uma relação de simbolização convencional. E a primeira convenção, a que se referiria imediatamente à ordem da significação natural e universal, produzir-se-ia como linguagem falada. A linguagem escrita fixaria convenções, que ligariam entre si outras convenções.” (p.13)

O significante escrito seria assim sempre um derivado, preso em seu caráter “*técnico e representativo*”. A voz teria uma intimidade maior com a totalidade do ser. Não é gratuitamente que se supõe que no início fosse apenas o verbo. O verbo estaria mais próximo do divino. Podemos suspeitar desde então que a separação é mais do que escrita e oralidade, mas se estende a outras hierarquias que subjazem ao pensamento ocidental: mundo sensível x inteligível, significante x significado, ser x ente - são alguns exemplos das polaridades hierárquicas por onde o pensamento ocidental tem circundado.

Parece-nos interessante considerar que o amor ao logos sobre o qual se ergueu a civilização ocidental parece ter se solidificado em função de um temor do caos que se supunha pudesse acompanhar a produção discursiva aberta, sem sentido pré-determinado. Se considerarmos que os discursos não apenas relatam disputas por poder, como as narrativas históricas de guerras, mas são eles próprios dispositivos para o exercer poder, não se pode deixar de lado a reflexão do porquê dos discursos terem sofridos em determinados períodos constrangimentos específicos. Todo o jogo social que determina o que pode ser falada, quando, onde e por que sujeito, bem como determinações outras como a classificação dos discursos entre verdadeiros e falsos, indicam não só que o discurso é uma forma de poder e, portanto, precisa ser controlado, mas também que a forma de controle muda segundo o solo histórico. Sobre a produção discursiva centrada no logocentrismo, vejamos o que fala Foucault (1996):

“ Ora, parece-me que sob esta aparente veneração do discurso, sob essa aparente logofilia, esconde-se uma espécie de temor. Tudo se



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

passa como se interdições, supressões, fronteiras e limites tivessem sido dispostos de modo a dominar, ao menos em parte, a grande proliferação do discurso (...) Há, sem dúvida, em nossa sociedade e, imagino, em todas as outras mas segundo um perfil e facetas diferentes, uma profunda logofobia, uma espécie de temor surdo desses acontecimentos, dessa massa de coisas ditas, do surgir de todos esses enunciados, de tudo o que possa haver aí de violento, de descontínuo, de combativo, de desordem, também, e de perigoso, desse grande zumbido incessante e desordenado do discurso.” (p.50)

Mas, em que o hipertexto poderia contribuir para esta inversão discursiva e, agora podemos afirmar, de poder? Pensemos no hipertexto como parte integrante de um mundo mais amplo: o do espaço virtual. Assim, vejamos de que forma o ciberespaço e, com ele, o hipertexto poderiam entrar na desconstrução do logos:

O ciberespaço, de modo geral, coloca a organização logocêntrica entre parênteses na medida em que provoca inversões entre, por exemplo, textos escritos e imagens, dotando as segundas de um poder maior do que apenas servirem como ilustrações e, indo um pouco além, rompe as hierarquias que impregnavam as divisões iniciais. Progressivamente, mais expressões vão sendo concebidas como ‘linguagem’ e, portanto, as escrituras se proliferam para além da sua formatação estabelecida: o significante escrito.

Da fala, passando pelo texto escrito e pelas imagens, a escritura se atualiza. Não se trata mais de representações de ordens e graus de fidedignidade distintos. Existem então escrituras que se presentificam em diferentes modulações e com a mesma importância para os processos de comunicações humanos.

2.2. Interioridade e exterioridade: transbordando fronteiras.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Discutimos há pouco que o modelo da hipertextualidade proporciona o rompimento de uma linearidade muito específica: aquela produzida dentro do logocentrismo, onde os elementos do pensamento ocupam posições pré-fixadas e a textualidade pode ser percorrida apenas em um sentido. É justamente tal linearidade que possibilitava ter um começo e um fim bem demarcados. Ora, o fim da linearidade logocêntrica acaba por desestabilizar estas marcas, dotando o texto de uma inusitada abertura através dos *links*.

Segundo Said apud Landown (1993), um princípio é aquilo que serve para definir uma temporalidade posterior, uma sequência que se estabelece a partir dele. Ou seja, a marca de origem determina o andamento posterior da narrativa. Imprime o sentido primeiro segundo o qual ela irá ser encaminhada. Quando não mais temos um princípio único, mas várias possibilidades de início, várias narrativas acabam sendo viáveis. A narrativa, podemos concluir, se forma a partir das marcas do caminho percorrido pelo leitor ativo.

A origem, que não mais se apresenta com tanta nitidez, permanecera até então como categoria central para a estruturação do pensamento ocidental. A necessidade de um momento inaugural se colocava então como um imperativo que, dentre seus vários reflexos, servia enquanto um dique a separar a interioridade e a exterioridade. Não podemos deixar de observar, o quanto a noção de originalidade serviu ainda como índice classificatório para valorização das obras culturais. Originais e cópias ficaram como duas formas de produção, cuja diferença de valor reside unicamente na anterioridade do que se convencionou tomar por original.

Poder-se-ia contra argumentar que o hipertexto não acaba com as interioridades e exterioridades do texto. Ele seria um composto de várias textualidades que manteriam sua identidade, sua capacidade de revelar um *self* particular, usando os



termos de Ong apud Landow (1993): sua “*self- contained utterance*” (p.62). O que, por um lado, significaria preservar aquela que foi considerada como uma das grandes qualidades do livro impresso. É necessário aqui pensar com cautela no que concebemos por “*links*”. O *link* pode ser considerado apenas uma outra forma eletrônica de fecharmos uma obra e abrirmos uma outra, com a grande vantagem de não termos que nos deslocar para pegar outro livro. Assim, o hipertexto nada mais seria que uma facilitação do que fazemos cotidianamente. Entretanto, o *link* pode ser entendido de outro modo. Podemos pensá-lo como um deslize entre produções textuais diferentes que, mesmo conservando as diferenças, proporciona pontos de encontro entre as mesmas que diluem a nitidez das fronteiras. Das bordas, não existe mais o surgimento de campos que se distanciam, mas a experiência de um transbordamento, de um deslize entre um campo e outro. Se isto era possível no texto impresso, o link eletrônico vem potencializar tal experiência⁵.⁴ O diálogo entre textualidades se intensifica através dos portais chamados links. Várias textualidades confluem numa composição multivocal.

“ (...) Porque o sistema de hipertexto permite ao leitor anotar um texto individual e liga-lo a outro, talvez contraditórios, ele destrói uma das maiores características do texto impresso – sua separação e univocalidade. Sempre que um texto é colocado dentro de uma rede composta de outros textos, sua existência passa a fazer parte de um diálogo complexo.” (Landow, 1992, p.63)⁶.

As inversões interioridade e exterioridade se tornam possíveis tanto pela perda de força das origens como pela ausência de fins. Cada texto termina numa abertura para outras textualidades. Um fim torna-se um *link*. Ou seja, não há pontos finais, mas locais de interface textuais.

2.3. Ficção x realidade



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A forma de definir a realidade dos objetos postos no mundo parece ter permanecido como uma das sustentações do pensamento ocidental. Sua realidade estava garantida pelo fato de que sua apresentação se dava numa maneira apreensível para o sistema perceptivo humano. Para serem apreensíveis, os objetos precisariam preencher duas condições, como lembra Manzini (1991): constância de forma e estabilidade no tempo (um tempo mínimo necessário para que a percepção pudesse se efetivar). O real era tido então como contraposto à noção de simulação que desde Platão ficou como uma cópia malfeita daquilo que possuía uma realidade pura. Mais do que cópia, o simulacro acabou se cristalizando como um termo de conotação uma tanto quanto negativa que serve para designar a cópia feita com o intuito de iludir.

Entretanto, com a introdução do que ficou conhecido como “mundo virtual” na nossa vida cotidiana, especialmente através dos jogos, a distinção real e virtual foi sofrendo uma progressiva fragilização. A simulação, mesmo uma cópia da realidade com intuídos de enganar, ou seja, mesmo que seja uma mentira, é uma mentira que possui efeitos de verdade e nem sempre negativos. Podemos lembrar neste sentido, o caráter lúdico e de desenvolvimento do pensamento lógico de alguns jogos eletrônicos, bem com a relevância dos simuladores de vôo ou outras simulações que propiciam avanços nas pesquisas das áreas tecnológicas, com contribuições que extrapolam os planejamentos de guerra. Para a saúde, por exemplo, a simulação tem ampliado cada vez mais não apenas as possibilidades de pesquisas, mais também de atuação, como é o caso das cirurgias à distância. Negarmos todos estes “bons efeitos de verdade” da simulação seria talvez ir de encontro a uma possibilidade emergente de potencializarmos nossas ações.

Manzini (1991) nos diz que um das grandes dificuldades de lidar com a realidade virtual reside no fato de que esta realidade possui como suporte de sua existência elementos numéricos, ou seja, sua determinação é de ordem invisível, não palpável. A uma percepção habituada a considerar real apenas o que é possível discernir



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

de modo macroscópico, a invisibilidade que, não obstante, tem efeitos reais, aponta como no mínimo desconcertante. Onde ancorar nossos critérios perceptivos? Sobre a organização da percepção ou, pelo menos, como ela foi disciplinada para ocorrer, o autor realiza uma ponderação. Estaria, antes da entrada do mundo virtual eletrônico, nossa percepção ancorada sobre bases tão sólidas como geralmente supomos? Eis a resposta que ele nos fornece:

(...) esta que se apresenta ao interior de nós como uma realidade é e sempre será uma realidade virtual. É dita uma simulação inconsciente que se fabrica em nosso espírito a partir da interação entre as simulações exteriores e um substrato cultural.” (p.199)⁷

Não teria existido assim jamais percepções puras, captações diretas ou indiretas (como a lembrança de um mundo das idéias outrora vislumbrado pela alma), a percepção seria antes de tudo um modo de selecionar e organizar os dados que nos cercam, modo impregnado por determinações culturais. Deste modo, a virtualidade eletrônica apenas seria um acentuamento da não - naturalidade da nossa percepção.

Acerca da afirmação de Manzini (1991) para quem a virtualidade é uma realidade microscópica, e por este motivo, de difícil aceitação, acreditamos que uma reflexão mais acurada pode ser aqui necessária. Equalizar o virtual a uma realidade à qual não nos adaptamos perceptivamente pode não ser muito elucidativo do ponto de vista teórico, pois significa igualar também os conceitos de real e virtual, o que para o exercício reflexivo não parece muito válido. Neste sentido, recorreremos a Pierre Lévy - “*O que é o Virtual?*” (1996)- autor em quem nos parece haver uma preocupação maior com a elaboração destes conceitos.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Em Lévy (1996), o virtual não se equaliza nem se opõe ao conceito de real. Virtual é termo que forma um par de oposto com o conceito de atual. Para melhor explicar a contraposição, Lévy (1996) retoma a diferenciação aristotélica entre potência e ato. O virtual se aproxima da potência onde uma gama de forças estão em interrelação, podendo advir um determinado ato. O mundo virtual seria, deste modo, o mundo das potencialidades de onde, a partir do jogo de forças, pode cair uma forma concreta. “...o virtual é como o nó problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização...” (Lévy, 1996, p.16).

O real enquanto forma concreta dotada de visibilidade passa a funcionar como oposto ao possível que é “...um real fantasmático, latente. O possível é exatamente como o real: só lhe falta a existência”. (Lévy, 1996, p.16). O real pode ser concebido como uma possibilidade que ganhou, no jogo de forças, impulso para se presentificar.

A riqueza da proposição de Lévy torna-se mais clara quando pensamos no movimento inverso ao da atualização, qual seja: a virtualização. Já sabemos que atualizar é passar da potência a ato. Mas o que seria virtualizar?

“...A virtualização pode ser concebida como o movimento inverso da atualização. Consiste numa passagem do atual ao virtual, em uma ‘elevação `a potência’ da entidade considerada. A virtualização não é uma desrealização (a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis), mas uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado: em vez de se definir principalmente por sua atualidade (‘uma solução’), a entidade passa a encontrar sua consistência essencial num campo problemático. Virtualizar uma entidade qualquer consiste em descobrir uma questão geral à qual ela se relaciona, em fazer mudar a entidade em direção a essa interrogação e em definir a atualidade de partida como resposta a uma questão particular.” (Lévy,1996, p.18).



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Virtualizar é assim problematizar, tomando aquilo que se presentificou e relacionando-o com as inúmeras possibilidades nas quais ele parece se ancorar. Manter a diferença entre virtual e real, mas corroendo as hierarquias antes existentes entre as duas categorias, nos parece um modo mais fecundo de pensá-las. Mais fecundo porque mais operacional quando nos guiando por estes conceitos tentamos entender as mudanças na percepção e no pensamento que são suscitadas ao operarmos no ciberespaço.

2.4. Autor x Leitor

Com o advento do hipertexto informático inicia-se uma reconfiguração dos papéis de autor e leitor dentro da escrita, num processo de aproximação e convergência gradativa de suas características e atividades.

As características hipertextuais promovem e facilitam esse processo, pois possibilitam ao leitor uma liberdade de seleção de seus próprios caminhos, de sua própria sequência de leitura, desvinculando-o da obrigação de adotar rigidamente as trilhas indicadas nas obras criadas. O leitor passa a ter um papel mais ativo nestas escolhas, que eram anteriormente exclusivas do autor.

De acordo com Landow (1992), através da redução da centralidade do texto, observa-se uma redução da autonomia do autor, uma vez que tendo a possibilidade da presença de vários links de outros textos referenciais acoplados e ligados entre si, o leitor teria à sua disposição um leque de opções de textos a serem explorados, e que poderiam ocupar a qualquer momento, de acordo com a escolha do leitor, um lugar de centralidade temporária, de centro móvel, ou de centro virtual do hipertexto.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Tendo o autor desenvolvido suas impressões iniciais, tal conteúdo passa a fazer parte de uma constelação de outros textos virtualmente presentes e interagindo de forma colaborativa, podendo ser alterado e dinamicamente reconfigurado. Inserido na teia de links interconectados, o texto passa a não existir por si só, tendo a sua existência condicionada a sua relação com outros textos e documentos. O texto inicial dissolvido neste mar de opções e de alterações constantes através das inclusões, comentários, sugestões, acréscimos, etc. passa por um processo de descentralização, promovendo consequentemente uma reconfiguração do papel de autor através da diminuição de sua autonomia, e do papel de leitor com o acréscimo de uma posição mais ativa e participante no processo de criação.

Com a possibilidade de escolher seus próprios caminhos e sequência de leitura, de efetuar anotações relacionadas, promover ligações com outros textos ou críticas de outros leitores/autores, o leitor passa a possuir e ocupar um espaço novo e extremamente amplo, pois cria-se uma estrutura de narrativa e de construção de textos mais flexíveis e com infinitas direções, além de promover um estreitamento das distâncias estabelecidas, através da facilidade de interconectar documentos vinculados ao tema desenvolvido.

Figuras estanques de personagens que produzem ou escrevem algo de forma exclusiva, e de outros que “*consomem*” o texto e o seu conteúdo de forma passiva estão sendo revistas em sua concepção não só enquanto estrutura de narrativa, como também quanto aos papéis desempenhados pelos agentes no processo. Verifica-se uma mudança na sequência de procedimentos, passando de uma forma serial (de leitura e escrita) para outra menos rigorosa quanto às ações vinculadas aos papéis estabelecidos.

Observa-se também uma tendência para a construção de obras inacabadas, possuindo apenas algumas características que trazem referências ao leitor sobre como a obra foi estruturada, de tal forma que permita a inclusão interminável de novos pontos e



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

de novas possibilidades que possam ser agregadas e dar seguimento a algumas idéias iniciais desenvolvidas pelo autor. Desta forma, o leitor entra como co-participante ativo do processo de criação, tendo abertura e liberdade para acrescentar dados ou conteúdos ao texto inicial.

Entretanto, conforme aponta Landow (1992), o papel ativo do leitor através da possibilidade de sua interferência no texto com novas estratégias de narrativas não o livra necessariamente de toda linearidade, nem remove a coerência formal do texto, visto que uma vez tendo sido efetuada a escolha, o leitor/autor desenvolve suas próprias sucessões temporais e estruturais.

Com a aproximação e gradativa união dos papéis de autor e de leitor, observamos mais um campo de identificação e vinculação entre alguns preceitos da chamada teoria crítica contemporânea (a descentralização, o desaparecimento do autor, do sujeito, etc.) e a construção hipertextual, vista como sendo uma incorporação de muitas das idéias desenvolvidas por autores contemporâneos (Barthes, Derrida, Foucault, etc.).

Apenas para ilustrar a aproximação entre teoria crítica contemporânea e hipertextualidade, gostaríamos de assinalar a compreensão de autoria trazida por Foucault (1996):

“ (...) O autor, não entendido, é claro, como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência...(p.26).

Ora considerar o autor como princípio de agrupamento de um texto, ou seja, eixo momentâneo a partir do qual o discurso se produz dentro de uma certa coerência, é



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

abrir espaço para que o leitor, também exerça a autoria não só ao intervir no texto por outro escrito, mas através mesmo da composição textual que ele realiza via links.

Quem é o autor ? Quem é o leitor ? E, entre os dois elementos da narrativa reconfigurados, o que se torna um texto ? Mais uma vez a hipertextualidade e a teoria crítica contemporânea se tangenciam nas questões que nos colocam.

3. Considerações Finais

Em linhas gerais tentamos destacar a convergência entre a experiência da hipertextualidade eletrônica e a teoria crítica contemporânea, apontando, contudo, que os dois elementos melhor poderiam ser pensados conjuntamente na medida em que se preserva sua autonomia. Apesar da aproximação realizada, gostaríamos de mais uma vez ressaltar que não se trata de um perfeito acoplamento entre um termo e outro. Por este motivo, percebemos a necessidade de uma intensificação de pesquisas que venham repensar a interrelação entre os dois campos, não apenas ressaltando suas similaridades, mas também onde cada um separadamente pode nos auxiliar a repensar o outro.

De qualquer modo, delimitamos aqui nosso trabalho a apresentar espaços de indagações comuns ao hipertexto e a teoria crítica contemporânea com relação ao modo de pensar ocidental já cristalizado. Frisamos assim, algumas inversões que nos parecem se insinuarem com clareza, em direção a tal forma de organização do pensar. Discutimos especificamente as inversões entre imagens, textualidade escrita e textualidade oral, interioridade e exterioridade, ficção e realidade, autor e leitor.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Com a trajetória seguida esperamos ter lançado alguns elementos de reflexão e, ao invés de ter definitivamente significado a relação hipertexto e teoria contemporânea, ter deixado alguns links para novas pesquisas na área.

Notas

¹ Temos aqui uma questão que consideramos central no hipertexto e que pode responder, pelo menos de forma provisória às críticas de que tal textualidade levaria a uma fragmentação exacerbada. Talvez este tipo de crítica pudesse ser melhor sustentada se o hipertexto fosse redutível a um texto decomposto em elementos menores. Entretanto, sua outra face não pode, de forma alguma, ser desconsiderada - a face da produção de links. Assim, o que temos não são pedaços soltos, fim absoluto da linearidade, mas possibilidade de produzir inúmeras linearidades porque o que não há mais é um sentido único, o que não significa ausência de todo sentido. Segundo Landown (1992): “*Nos termos de hipertextualidade isto aponta para uma importante qualidade deste meio de informação: hipertexto não permite uma tirânica, unívoca voz. A voz é sempre aquela destilada pela experiência combinada do focus momentâneo, a lexia que alguém lê no presente, e a narrativa constantemente formada no caminho de leitura deste alguém*”. (p.11)

² DERRIDA, J. “A Estrutura, o Signo e o Jogo no Discurso das Ciências Humanas” in DERRIDA, J. A Escrita e a Diferença. São Paulo: Perspectiva, 1971

³ “*Many of my students who took my Hypertext class have told me the same thing: they found the theory more accessible than in the context of other classes. The theory under the medium are on the same wavelength; that is, there is a real convergence, even if it is not a total mapping of all theory and technology. But hypermedia certainly is very useful in embodying the theory just like the theory to all technology. But hypermedia certainly is very useful in embodying the theory just like the theory is very useful in intellectualizing and explaining the space.*” ver site <http://www.altx.com/interviews/george.landow.html> (30.03.01)

⁴ “*Derrida argues for the inclusion of visual elements in writing as a means of scaping the constraints of linearity.*” (p.43)

⁵ Falamos há pouco que o link não era mero facilitador, mas potencializador do que antes já se apresentava. Embora o termo hipertexto só tenha sido inventado no início dos anos 60 por Theodore Nelson, pode-se afirmar que a idéia que ele traz já estava presente desde as primeiras interfaces desenvolvidas para a escrita. Através da implementação gradativa de elementos organizadores e facilitadores do processo de consulta aos textos, verifica-se o início de uma quebra de seqüência da estrutura linear da escrita, tendo tais elementos proporcionado ao leitor formas alternativas e complementares de acesso às informações. Com a utilização de glosas comentadas, de notas de pé-de-página, de referências bibliográficas, de remissões, de índices, etc., foi sendo delineada uma estrutura de texto que permitia ao leitor uma aproximação de anotações adicionais e de outras idéias marginais ao texto central, de uma forma não exclusivamente linear, embora ainda rigidamente hierárquica. Desta forma, constata-se o início de uma estrutura textual que se aproxima de algumas características presentes no hipertexto informático, tais como a possibilidade de agregar informações, de alternativas de caminhos diferenciados para cada leitor, etc. O que podemos constatar na atualidade é o surgimento do hipertexto informático - com seus textos interconectados por uma rede de links eletrônicos -, como uma evolução de um sistema antigo de artificialização do processo de leitura, uma vez que a pesquisa nos índices e nos sumários, a passagem de nós indicativos a outros, os mapas



referenciais, passaram a ser efetuados de uma forma bastante rápida, quase que instantânea, além da grande facilidade de inclusão em suas referências cruzadas de outros tipos de troca de informações como a imagem e o som, devido ao processo de digitalização em curso. Com um simples procedimento (p.ex. um click de um mouse) pode-se pesquisar informações de outros autores, de outros locais, de outras fontes que tenham desenvolvidos argumentos que venham enriquecer a discussão sobre os conceitos apresentados inicialmente.

⁶ “(...) *Because hypertext systems permit a reader both to annotate an individual text and to link it to other, perhaps contradictory texts, it destroys one of the most characteristics of the printed text- its separation and univocality. Whenever one places a text within a network of other texts, one forces it to exist as a part of a complex dialogue*”. (Landow, 1992, p.63)

⁷ “(...) *ce qui se présente au dedans de nous comme une réalité est, et a toujours été, une ‘réalité virtuelle’*. *C’est- à-dire une simulation inconsciente Qui se fabrique dans notre esprit à partir de l’interaction entre des stimulations extérieures et un substrat culturel.*” (p.199)

5. Bibliografia

- DERRIDA, J. “A Estrutura, o Signo e o Jogo no Discurso das Ciências Humanas” in DERRIDA, J. A Escritura e a Diferença. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- _____. “ A Escritura Pré – Literal ” in Gramatologia. Trad.:Miriam Schnaiderman e Renato Janini Ribeiro. São Paulo: Perspectiva. Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.
- FOUCAULT, M. A Origem do Discurso - Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 2a Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- LANDOW, G. P. Hypertext. The Convergence of Contemporary Critical Theory and Technology. The John Hopkings University Press, Baltimore and London, 1992.
- LÉVY, P. As Tecnologias da Inteligência - O Futuro do Pensamento na Era da Informática. Trad. De Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1993.
- LÉVY, P. O que é o Virtual? Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- MANZINI, E. “Interactivité” e “Virtualité” in MANZINI, . *Artefacts Vers une nouvelle écologie de l’environnement artificiel*. Paris, CGP, 1991.
-